

TRINCAS E FENDAS SECRETAS

Melody Carlson

Quando eu era criança, a casa de vovó - em imponente estilo vitoriano, dava-me a idéia de um castelo. Majestosa e branca, ela estava assentada sobre uma colina gramada, rodeada por um canteiro colorido de flores. As pessoas paravam para admirar, e até mesmo fotografar, o deslumbrante jardim de pedras de vovó. As três horas de viagem até aquela casa significavam muito mais que simplesmente visitar seu lar, onde havia pão de gengibre e flores bonitas; significava penetrar num mundo muito diferente do meu.

Na casa de vovó tudo era diferente, e eu encontrava um mundo secreto - um mundo onde só eu conhecia todos os recantos e fendas fascinantes. No verão, eu passava horas incontáveis explorando seus cantos secretos. Lembro-me do agradável aroma de terra depois da chuva de verão e da umidade do cimento frio que atravessava minhas bermudas finas de algodão quando eu me sentava nos degraus da escada atrás da casa de vovó. Uma profusão de brincos-de-princesa vistosos, com suas exuberantes cores arroxeadas, cobria os canteiros que rodeavam a escada. Eles pareciam lanternas japonesas em miniatura, e as abelhas voavam ao redor para recolher alimento.

Lembro-me da sensação de tocar num brinco-de-princesa fechado e o ruído que eu ouvi quando o apertei levemente com os dedos - e do zumbido abafado da infeliz abelha que aprisionei dentro do botão. Eu subia por aqueles degraus cercados de brincos-de-princesa até chegar à casa de Martha - uma vizinha de vovó. Da laje de seu quintal, ainda molhada pela chuva, subia um vapor que brilhava ao sol da tarde. Um pouco adiante do quintal, havia um pequeno jardim fechado por uma cerca da altura de uma criança. Eu me encostava na cerca e estendia os braços por cima dela, para inspecionar a misteriosa folhagem verde que florescia do outro lado. Um varal atravessava todo o jardim. Em uma das extremidades, pendia uma roldana que meu avô havia desenhado para colocar e retirar as roupas do varal sem ter de pisar no jardim de Martha. Ela e minha avó usavam o mesmo varal, aproveitando a mesma luz do sol.

Em sua sala banhada pelo sol, Martha colecionava blocos para construções de brinquedo, bonecas de madeira, livros de fotografias e um visor de fotos em 3D - tudo para seus jovens visitantes.

Naturalmente, ela servia bolinhos e chá; isso era uma fantasia para uma menina como eu.

Na mesma rua, morava Londy, a irmã de vovó. A casa de Londy me fazia lembrar a casinha da Branca de Neve. Cercada de árvores altas, e muito bem escondida, ela parecia ter brotado ali como um cogumelo gigante. Londy, uma mulher franzina, combinava com sua casa pequenina. Ela gostava de agitação e preparava deliciosos lanches em sua cozinha apertada. As torradas e as geléias feitas em casa eram servidas a seus convidados em pratos de porcelana coloridos, e ela nunca fazia distinção entre crianças e adultos - todos nós saboreávamos aquelas delícias nos

mesmos pratos de porcelana; utensílios de plástico não existiam em sua cozinha.

Londy gostava de colher cores, e elas caíam em cascata dos vasos de porcelana de sua casa. Do lado de fora da janela de sua cozinha, cresciam rosas, groselhas e hortelã. A mistura de fragrâncias era quase inebriante, quando penetrava na casa, levada pela brisa quente do verão. A casa de Londy parecia uma casinha encantada para bonecas crescidas.

Na casa de vovó, eu era a primeira a levantar de manhã, porque sabia que vovô já havia preparado um delicioso e fumegante café da manhã, na aconchegante cozinha do pavimento inferior. Depois de bem alimentada, eu continuava sentada à mesa, em frente a uma enorme vidraça, contemplando os gerânios vermelhos que floresciam o ano todo na jardineira sob a janela. Eu tentava espiar a rãzinha verde que morava no meio dos gerânios e observava os beija-flores pairando sobre as caixas de flores. Programações e rotina não faziam parte dos verões daquela época.

Embora tudo permaneça como era, as pessoas se foram; e eu me sinto dividida entre o desejo de retomar para descobrir o tempo em que fez com o paraíso de minha infância e o medo de que o encanto, agora quebrado, só me traga desapontamentos. Os lugares de que me lembro, mesmo que não tenham mudado, jamais poderão ser encontrados novamente, porque meus olhos de criança enxergavam a colina como uma montanha e a casa como um castelo. E essas lembranças devem perdurar nos lugares secretos - escondidas nas trincas e fendas - apenas para serem visitados em nossa memória.